O teatro do corpo manifesto: teatro físico, de Lúcia Romano São Paulo, Perspectiva, 2005.

Matteo Bonfitto

ma das questões implícitas no livro de Lúcia Romano diz respeito ao corpo. O que acontece quando o corpo passa a ser não o objeto, mas o sujeito produtor de significação e sentido? Esse deslocamento adquire um valor fundamental, na medida em que o "olhar" nesse caso, seja ele interno, externo ou dialógico, não poderá mais ser determinado pelo rolo compressor do logos. Um imenso espaço, dessa forma, abre-se. Um espaço "problemático" pois não é organizado, sinalizado e não revela percursos para sua exploração. Um espaço que concentra em si todos os "tabus" da tradição logocêntrica: a ambigüidade, a autonegação, a imprecisão, processos que criam fluxos inesperados e que não oferecem um padrão de repetibilidade. O espaço da in-corporação, um espaço que não depende e muitas vezes precede a análise. O "espaço-do-corpo" não encontra reflexos em nenhum espaço físico existente, nem mesmo naqueles desconstruídos pela pós-modernidade. É o espaço da com-presença. Ele ultrapassa dicotomias. É nele onde processos fisiológicos, perceptivos, emocionais e intelectuais interagem numa batalha na qual o que se vê representa somente um fragmento de uma das facetas de um caleidoscópio que gira, em desequilíbrio constante. Corpo "carne", corpo

catalisador, corpo que ressoa, corpo que atrai, corpo que re-pulsa. Do corpo-sombra ou "onto-lógico" do *butoh* ao "corpo-montagem" do *story-telling*, podemos falar de um corpo que não é mais corpo, mas que é "corpos".

Porém, como não estamos mais impregnados pelos valores da *Köperkultur*, surgida no início do século XX, devemos também considerar olhares não-idealizadores, ou não tão "positivos" em relação ao corpo, visto como canal expressivo. De fato, o corpo pode ser, ao mesmo tempo, extremamente opaco. Basta observar muitos dos transeuntes que supostamente vemos todos os dias. Em meio a corpos que falam e transpiram percepções e associações, muitos carregam, em diversos níveis, as próprias fronteiras, que separam as próprias experiências de suas possibilidades de revelação.

É em meio a esses e outros cruzamentos que o assim chamado "teatro físico" se faz "linguagem/gens". Nessa forma teatral, o corpo é dissecado em toda a sua gama de possibilidades, da sua maior opacidade à sua mais perceptível transparência. Apesar das múltiplas definições, ele poderia ser considerado uma das *media* do "teatro pós-dramático", pois materializa muitos dos seus pressupostos em suas práticas, tais como a não-centralidade do texto dramático, es-

Matteo Bonfitto é ator, pesquisador teatral e doutorando do Royal Holloway College de Londres.

truturas narrativas não-lineares etc. Nesse sentido, assim como descrito neste estudo de autoria de Lúcia Romano, ao teatro físico estão associados muitos dos mais importantes grupos e criadores teatrais, atuantes no Brasil e no exterior. Após abordar os aspectos históricos e mapear algumas questões e diferenças entre diferentes práticas ligadas a essa forma teatral, a autora reflete sobre conceitos importantes, os quais estão por sua vez inter-relacionados, tais como corporeidade, fisicalidade, textualidade e visualidade.

Apesar da mobilidade de suas manifestações, o teatro físico vem adquirindo uma importância crescente, a qual ultrapassa as fronteiras dos teatros e festivais britânicos. Dessa forma, esse estudo adquire uma grande relevância. De

fato, ele vem preencher uma lacuna no que diz respeito às publicações relacionadas a essa forma teatral em língua portuguesa. Além disso, ele nos mostra, de certa forma, o quanto o teatro físico pode ser ainda explorado em termos práticos e teóricos, na medida em que, além de situar questões e mapear referências, indica direções e horizontes de reflexão sobre o tema. O corpo não é um "instrumento" da mente, assim como a mente não é o lugar "exclusivo", onde o conhecimento é produzido e organizado. No entanto, apesar de tal não-dicotomia, o corpo deve ser visto como possível materializador do que ainda não percebemos claramente, do que ainda não entendemos, daquilo que pode um dia transformar-se em pensamento, ou não.